

REPRESENTAÇÃO DOCUMENTAL: DAS APROXIMAÇÕES LINGUÍSTICO-SEMIOLÓGICAS A UMA SEMIÓTICA POLIFÔNICA

*Documentary representation: from linguistic-semiological approaches to a polyphonic
semiotics*

Carlos Cândido de Almeida

*Doutor em Ciência da Informação
Universidade Estadual Paulista
Contato: carlosalmeida@marilia.unesp.br*

Resumo

O relacionamento disciplinar da ciência da informação com a semiótica no Brasil ocorreu no decorrer do século XX e deixou suas marcas nos estudos da linguagem, os quais dão suporte conceitual a representação documental. Nesta exposição, apresentam-se as reflexões que temos realizados sobre a semiótica com a representação documental. Os trabalhos recentes sobre o processo semiótico da indexação e o conceito de índice seriam contribuição claras à representação documental. Contudo, tais contribuições somente teriam sentido sob uma nova moldura disciplinar, a qual se tem denominado semiótica documental.

Palavras-chave: Semiótica; Representação documental; Semiótica documental; Indexação.

Abstract

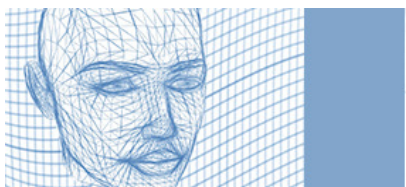
The disciplinary relationship between information science and semiotics in Brazil occurred during the 20th century and left its mark on theory of language, it gives conceptual support to documentary representation. In this communication, we present the reflexions that we have made about semiotics and documentary representation. Recent works on semiotic indexing process and the concept of index could be a clear contribution to documentary representation. However, such contributions would only make sense under a new frame, it has been termed documentary semiotics.

Keywords: Semiotics; Documentary representation; Documentary semiotics; Indexing.

Resumen

La relación disciplinaria de la ciencia de la información con la semiótica en Brasil ocurrió a lo largo del siglo XX y ha dejado sus huellas en los estudios del lenguaje, los cuales soportan conceptualmente la representación documental. Se presentan en la ponencia las reflexiones que hemos realizado sobre la semiótica y la representación documental. Los trabajos recientes respecto al proceso semiótico de la indización y el concepto de índice serían contribuciones claras a la representación documental. Sin embargo, tales contribuciones sólo tendrán sentido bajo un nuevo marco disciplinario, que se ha denominado semiótica documental.

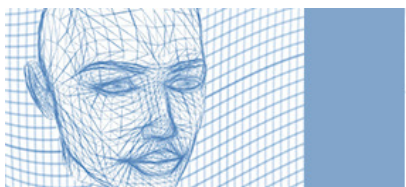
Palabras clave: Semiótica; Representación documental; Semiótica documental; Indización.



1 Introdução

A representação documental entendida como a transformação simbólica da linguagem para fins de recuperação da informação, é um assunto amplo demais para ser abordado em poucas laudas, nesse sentido, nos parece apropriado apresentar as análises sobre o assunto que temos realizado, as quais têm impacto direto na concepção de representação.

O campo compreendido pela semiótica – ciência dos signos na natureza e na cultura¹ - tem se relacionado com a ciência da informação por diversas vias e momentos. O primeiro momento se deu pela presença de disciplinas que versaram sobre a linguagem já nos cursos de Biblioteconomia até a metade do século passado, entre elas Iconologia e Classificação. Em um segundo momento, houve contribuições que trataram da entrada dos conceitos linguísticos nos cursos de Biblioteconomia nos anos 1960 e 1970. Os conceitos linguístico-semiológicos inseridos nos cursos promoveram a ciência da língua, neste caso, tais iniciativas não estavam voltadas ainda a uma ciência abrangente para todos os sistemas de signos. Terceiro, podemos destacar a década de 1980, em que foram incluídas novas formas de se caracterizar a linguagem. Castro (2002) e Mueller (1988) registram que no segundo currículo mínimo dos cursos de biblioteconomia brasileiros, de 1982, foram incluídas as disciplinas de teoria da comunicação, língua e literatura portuguesa e lógica. Estas disciplinas forneciam conceitos básicos da teoria semiótica de orientação estruturalista, fazendo referência, sobretudo, à corrente linguística. Não obstante, essa primeira aproximação disciplinar teve uma utilidade meramente instrumental, e não tanto de cunho teórico-explicativo (não sem-razão, lógica e língua portuguesa foram denominadas “matérias instrumentais”). Em um quarto momento ocorrido no década de 1990, os cursos de graduação correlacionados à ciência da informação iniciaram a articulação conceitual e propostas de fusão teórica. Com esse objetivo foram criadas as disciplinas de linguística aplicada à biblioteconomia, linguística e documentação e linguística documentária², fato este que representou, sem dúvida, um amadurecimento teórico e a sedimentação de um campo de análise específico para os temas relacionados à linguagem.



Nas últimas décadas vemos surgiu um quinto período de reconfiguração teórica entre os estudos da linguagem e a ciência da informação. A exclusividade da linguística – principalmente a linguística estrutural - em produzir respostas aos problemas da linguagem na ciência da informação vem sendo questionada. A partir dos anos 2000 surgem novas propostas acadêmicas, novamente em cursos de graduação em biblioteconomia no Brasil, sob as expressões “semiótica e ciência da informação” e “semiótica da informação”³. Conquanto sugestivas as expressões utilizadas, a articulação que se aponta nem sempre é alcançada.

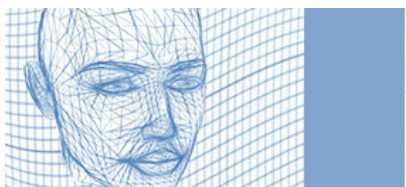
O relacionamento disciplinar materializa-se também na prática do ensino profissional, consequência de uma tendência de entrosamento entre os campos que deve ser aprofundado a partir de pesquisas teóricas. As teorias semióticas são abrangentes, mas nem sempre têm explicitadas as interações conceituais com a ciência da informação.

Para entendermos um pouco esse movimento que impacta nossa reflexão da representação documental na atualidade, apresentaremos algumas informações sobre semiótica e os temas relevantes à ciência da informação e à representação documental.

2 Semiótica

A ciência dos signos na natureza e na cultura possui várias correntes teóricas: antropocêntricas e não-antropocêntrica. Isto é, perspectivas que pesquisam e teorizam sobre os signos humanos produzidos socialmente, e signos produzidos na natureza. Essa é a principal diferença entre o campo semiótico e o da ciência da informação.

Sendo, antes de tudo, uma ciência dos signos humanos produzidos em sociedade, a semiologia (do grego semion, mais logia, ciência) nasce como uma grande projeto em F. de Saussure (1857-1913). Nesse sentido, não podemos concluir que existia um estudo semiológico com conceitos, teorias e métodos próprios em 1910. O conceito central da semiologia, signo, provém do signo linguístico, contando com o significado e o significante. Outro teórico da linguística, L. Hjelmslev (1899-1965), tratou de potencializar as dicotomias saussureanas (língua/ fala, significa-



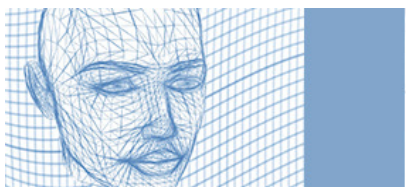
do/significante, sintagma/paradigma) proporcionando uma espécie de depuração dos conceitos linguísticos.

Como o signo linguístico sustenta as operações do signo semiológico, alguns teóricos preferiram revisar a dependência da linguística com a semiologia. É o que fez, exatamente, Barthes (1915-1980), argumentando que não é a linguística um ramo da semiologia, mas é a semiologia que empresta da linguística seus principais fundamentos. Na esteira desta configuração, Barthes aplica os pressupostos linguístico-semiológicos em diversos temas de pesquisa. A semiologia transforma-se em abordagem em pesquisas sobre propaganda, moda, discursos da mídia em geral. Todos serão considerados como sistemas sógnicos, inaugurando um novo nível para os estudos semiológicos.

A semiótica narrativa descende da linhagem linguística e da semântica estrutural. O ponto central aqui é procura o significado de macro-estruturas, ou discursos. Uma palavra não tem valor de significação fora de seu contexto de uso. Essa premissa foi estendida às narrativas e discursos em geral por Algirdas Julius Greimas (1917-1992). O objetivo era descobrir como essas estruturas significam em conjunto, recorrendo a relações de oposição entre actantes dispostos como categorias sintáticas (destinador, objeto, destinatário, adjuvante, sujeito e opositor). Procurando contribuir para a semântica do texto, entende semiótica como teoria da significação (NOTH, 1996, p. 147).

Não tão distante dessas premissas e parcialmente sustentada pelos fundamentos da linguística estrutural, encontramos as contribuições semióticas para o estudo da cultura. A semiótica da cultura (também conhecida como semiótica russa), de inclinação antropocêntrica, toma o texto como objeto principal de estudo. Nesse sentido, o texto será um código cultural/sistema de signos, a unidade básica de cultura, e não um simples sistema linguístico. Assim, danças, cerimônias, obras de arte, manifestações culturais e outros produtos são texto (MACHADO, 2003, p. 54). A semiótica da cultura interage com os campos considerados vizinhos: teoria literária, linguística estrutural, semiótica, crítica da arte, cibernética, teoria da informação, etnologia, antropologia etc. (MACHADO, 2003).

A semiótica de Charles Peirce (1839-1914), centro de nossas preocupações, não se vincula à concepção estrutural. Distancia-se do pressuposto antropocêntrico



e nominalista. Seu surgimento antecedeu o projeto semiológico do século XX, e as ramificações com a filosofia são bem mais fortes. Peirce tributa à J. Locke o uso da expressão, voltada ao entendimento da lógica. O que será mais marcante da semiótica de Peirce é sua insistência no movimento triádico da significação⁴.

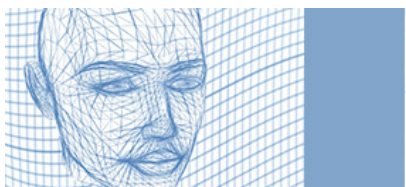
Os ramos da semiótica de Peirce são gramática especulativa (trata deste diagnóstico geral dos tipos de signos possíveis), lógica pura (estuda os tipos de inferência abdução, dedução e indução, além dos termos e premissas) e retórica especulativa (estudo da evolução dos signos e as etapas da aquisição do conhecimento). Cada uma ocupa-se de uma manifestação dos signos, desde os elementares até os discursos mais complexos da ciência. Os fundamentos da teoria geral dos signos é a fenomenologia – ciência dos fenômenos, as coisas que aparecem a mente - e categorias universais e da experiência (primeiridade, secundidade e terceiridade). Também possui uma interface com pragmatismo - método que esclarecer o significado - e a metafísica, ciência da realidade ordinária.

Entre os conceitos centrais podemos citar: signo, objeto, interpretante, semi-ose, tipos de signo, classes de signo, tipos de interpretante, tipos de objeto, inferência (abdução, dedução e indução) e hábito. De maneira geral, não é possível conhecer a dimensão da semiótica de Peirce sem o entendimento dessa rede conceitual. Sem a abertura proporcionada pelos estudos semióticos, a reflexão sobre a representação documental ficaria limitada ao binarismo linguístico. Na sequência, destacaremos alguns pontos de conexão entre representação documental e a semiótica.

3 Representação Documental e Semiótica

3.1 A indexação como representação documental

Neste item de nossa exposição, trataremos os processos de indexação e o de análise documental de conteúdo como atividades de representação documental por excelência, entendendo, claro, as divergências conceituais e as escolas as quais se vinculam. Sendo assim, qual seria a mais simples forma de definir indexação? De certo, optaríamos por concebê-la como o processo que, através da extração de conceitos, procura delimitar o assunto de um documento. Indexação ou *indexing*, como conhecemos, é uma terminologia utilizada pela escola inglesa do tratamento temático da informação, de acordo com Guimarães (2006).



Na literatura da área, notamos uma relativa similaridade entre as etapas do processo de indexação de assunto e os momentos ou operações necessárias para a análise documental de conteúdo, assim definida na terminologia da escola francesa. Com efeito, momentos, fases, processos, etapas ou operações constituem um desmembramento lógico dos dois processos elencados inicialmente por Gardin na abordagem francesa.

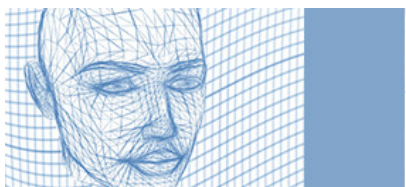
Nem sempre encontramos na análise documental as mesmas etapas, em alguns casos aparecem apenas duas (GARDIN, 1966, 1987; CHAUMIER, 1971; CUNHA, 1989a) e às vezes três etapas ou fases (CUNHA, 1989b; KOBASHI, 1996; GUIMARÃES; DANUELLO; MENEZES, 2004): análise (extração), condensação (síntese), representação (indexação).

A despeito disso, aceitamos as seguintes etapas: a) a *análise* do material, que recorre à leitura e um tipo de extração de informação temática; b) a *condensação*, que objetiva reduzir a um conjunto de informações, etapa que requer o conhecimento do texto para poder segmentá-lo e selecionar as partes conceituais relevantes; c) a *representação*, como etapa final que procura fazer equivalências, em que o estar no lugar de, ou referir-se à, é condição fundamental para expressar o conteúdo de um documento em linguagens documentais. Apesar de a condensação estar separada da representação, ela é em si mesma um processo representacional, pois eleger um micro-documento como substituto do documento na íntegra. Mas enquanto o produto da representação será um índice, o da condensação será um resumo.

Percebemos que as etapas de indexação de assunto são as mesmas presentes na análise documental, e com propósitos idênticos. Acreditamos que tal generalização desses dois pontos de vista sobre a indexação não influi na compreensão do processo total.

Oposta a teoria de Lancaster (1993), a análise documental de conteúdo reserva à indexação uma fase localizada no final do processo. Para Lancaster (1993, p. 17), dentro da indexação há duas etapas: análise conceitual e tradução, além da redação de resumos que contempla uma descrição narrativa.

As etapas da indexação foram apontadas por Mai (1997a, p. 60, 2001, p. 594-595) como sendo: análise do documento, descrição do assunto e análise do assunto. As duas últimas ocupam-se, respectivamente, da condensação e da representa-



ção na abordagem da análise documental. Portanto, a indexação de assunto é uma atividade da organização da informação que também supõe as etapas gerais de análise, condensação e representação da informação. Quando tratamos de representação documental, entendemos principalmente a indexação na perspectiva de Mai.

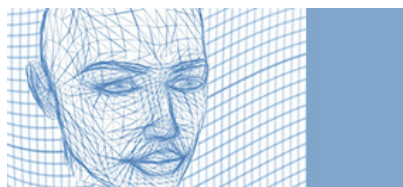
Após este panorama sobre o conceito de indexação como um tipo de representação documental, tentaremos indicar algumas análises sob o viés semiótico.

3.2 Representação documental como processo semiótico: classes de signos e tipos de inferência

A indexação é uma operação mental com a finalidade de chegar ao assunto de um documento, mas isso não é novidade alguma. Mai (1997a, 1997b, 2001) já havia concebido a articulação dos processos derivados da indexação com a interpretação. As etapas de indexação foram associadas à interpretação, no sentido semiótico, descrevendo a natureza sígnica dos elementos resultantes das operações envolvidas. Os elementos considerados pelos estudos de Mai (1997a, 1997b, 2001) são assim classificados segundo os tipos de signos: documento (Argumento), assunto (Símbolo Dicente), descrição do assunto (Legissigno Indicial Dicente) e entrada de assunto (Legissigno Indicial Remático). Contudo, como argumentamos (ALMEIDA; FUJITA; REIS, 2013), a classificação dos signos para os elementos do processo de representação documental não é suficiente para entendê-lo de um ponto de vista semiótico.

Sustentar que o processo de indexação como uma atividade inferencial é assumir que o raciocínio do indexador está disposto em três distintos e interdependentes tipos de argumentos: abduutivo, dedutivo e indutivo. As operações mentais do indexador não apenas interpretam o documento e o assunto para o usuário, resultando nas classes dos signos Argumento, Símbolo Dicente, Legissigno Indicial Dicente e Legissigno Indicial Remático, mas as geram por inferência. Pensando por esta perspectiva, podemos justificar a atuação do profissional balizada em procedimentos análogos ao método científico.

Em resumo, a abdução explica o processo de leitura e sugestão de hipóteses de representação; a dedução refere-se à seleção de termos de representação e ava-



liação das consequências, caso estes sejam adequados e; por fim, a indução responde ao teste e comparação contínua com as linguagens documentais disponíveis, a linguagem do usuário e a tentativa de aproximação com o objeto do signo. Assim, constitui-se, de fato, uma contribuição da Lógica Pura e do Pragmatismo, e não apenas da Gramática Especulativa⁵.

Para ilustrar preliminarmente a dinâmica da indexação, apresentamos um esquema processual da semiose envolvida na indexação de assunto.

Quadro 2: Processo Inferencial da Representação documental

ETAPAS	ABDUTIVA	DEDUTIVA	INDUTIVA
DEFINIÇÃO	Criação de hipóteses ou sugestões explicativas sobre os conteúdos do documento	Análise das consequências da atribuição de assunto ao documento	Teste e experimentação com a suposta linguagem do sistema e do usuário
OBJETIVOS	Gerar hipóteses razoáveis que representam o assunto	Aplicar predicados na conclusão a partir de premissas hipotéticas	Verificar a compatibilidade da representação com padrões disponíveis
ELEMENTOS	Percepção	Abdução	Dedução
ETAPAS	Leitura Criativa	Análise Dedutiva	Análise Comparativa
INTENSIDADE	Muito fraco	Forte	Fraco
CATEGORIAS	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade
MODALIDADES	Possível	Deve ser	Provável

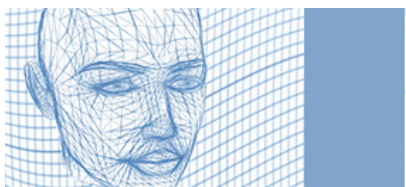
Fonte: Elaborado pelo autor.

O processo não é equivalente às fases de indexação de assunto, mas sugere como a análise se procede a partir já da percepção. A seguir, destacaremos o potencial teórico do conceito de índice para a representação documental.

3.3 O produto da representação documental como indicial por excelência

Quaisquer estratégias para mediar a informação nesse contexto vale-se da condição indiciária do produto gerado pelas ações de representação da informação. Em outras palavras, o índice é a forma legítima de acessar o conteúdo informativo de documentas, e portanto, deve ser objeto de análise. A mente humana depende de signos indiciais para chegar a produzir signos mais complexos. E o respeito a esta condição produz efeitos positivos sobre o planejamento de sistemas de recuperação da informação.

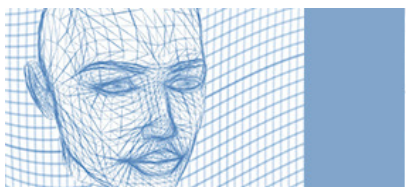
Poucos termos são tão significativos para a ciência como é o caso do índice. Na semiótica de Peirce há uma vasta discussão do conceito de signo, as quais se



relacionam os seguintes. A palavra *index* provém do latim, o substantivo significa o que indica, anuncia, indicador, por sua vez, a palavra *indício*, quer dizer sinal, catálogo, índice, registro, lista, matrícula. Há uma relação genética entre os conceitos de índice e evidência, e por esta razão, encontramos nos índices caminhos para se chegar ao elementos causador, tal como um documento ou fonte de informação. Nesse sentido, os produtos da representação documental teriam a natureza indiciária, mesmo que o nome não a contemple, a saber: catálogos, resumos, cabeçalhos de assunto, índices etc. A dificuldade de mediar a informação através destes instrumentos está na incapacidade do índice em fazer-se evidência do documento causante.

As premissas básicas da discussão seriam: a) a evidência é, sobretudo, um signo indicial e como tal tem certas características; b) não podemos esperar de uma evidência mais que uma crença de que aquilo do qual trata seja, de fato, o que representa; c) sendo uma crença, não se pode afirmar nada de verdadeiro a respeito da evidência, apenas que algumas coisas quando são dadas levam nossa mente a pensar em outras por diversas razões; d) as razões podem ser causais, por contiguidade física (por exemplo, quando pensamos em vestígios de sociedades passadas tratamos eles como signos cujas causas estão na ação dos homens que os produziram, isto é, relação causal); e) há sempre falhas na leitura das evidências, pois, como tais, nascem de signos icônicos originalmente e depois referem-se a objetos reais ou imaginários. Isto significa que as evidências têm em algum aspecto de semelhança (ícone) com os objetos aos quais se referem, por exemplo, as assinaturas de documentos históricos de um mesmo produtor devem ser semelhantes (icônicas) à assinatura real do sujeito que as produziu.

Um índice tem apenas a capacidade de referir-se à, nunca atestar a credibilidade, a qual é construída em um argumento (enquanto classe de signo) mais complexo. É por isso que sempre estamos cometendo erros quando tentamos admitir a validade do objeto que a evidência nos leva a pensar. Nesse ponto, é importante dizer que a evidência, como signo indicial, "nos leva a pensar no objeto" e não "nos leva a ter certeza que é o objeto a que se refere". Por isso, há casos em que temos a certeza durante um tempo sobre um conhecimento ou credibilidade de uma evidência e, depois de uma revisão acurada, reavaliamos as evidências e chegamos a



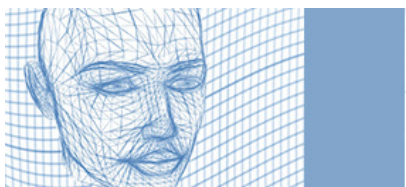
conclusões mais aproximadas. Por isso, a semiótica trabalha com o pano de fundo do falibilismo, ou seja, que mesmo os argumentos mais sólidos da ciência estão suscetíveis a falhas, pois nascem da leitura da realidade dada através de signos indiciários. Nesse sentido, não podemos esperar que uma simples evidência ou índice garanta o sucesso de um raciocínio, mas precisamos acreditar que somente a partir dela ou dos signos indiciários, conheceremos os fatos, os fenômenos e o assunto dos documentos. A expectativa gerada pela representação documental é que os índices produzidos no âmbito dos instrumentos sirvam para dar a conhecer o assunto ou características físicas do documento. Contudo, o índice apenas chama a atenção para seu objeto, o próprio assunto.

Os aspectos indicial, sógnico e inferencial da representação documental nos levam a requerer um espaço disciplinar para os estudos da representação documental sob esta ênfase. Este tema está correlacionado com os estudos recentes que estamos realizando e que registramos como conclusão.

4 Um espaço polifônico para a reflexão semiótica da representação documental

O argumento aqui defendido é bem simples. Se a linguística não pode avançar como espaço epistemológico a abrigar as reflexões sobre representação documental, qual área comportaria tal interesse no interior da documentação. Podemos responder prematuramente que a análise documental, tal como importada da matriz francesa da documentação, já se preocupava com o assunto. Contudo, há um interrogante, como tratar documentos fora do código verbal. Neste caso, tanto a linguística quanto a análise documental, não seriam suficientes para dar suporte epistemológico ao processo de representação documental como estudada na atualidade (FUJITA, 2004; AGUSTÍN LACRUZ, 2006, 2015; MANINI, 2001, 2004; PATO, 2014). Temos retomado a ideia de que a semiótica documental é uma concepção necessária à ampliação do escopo de estudo da representação documental, de modo a integrar diversos processos de representação dedicados a uma variedade de códigos.

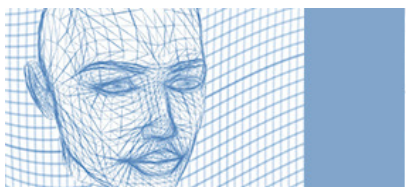
No caso da documentação na Espanha, a semiótica nem sempre teve um potencial de articulação conceitual, tampouco foi influente para constituir-se uma corrente teórica coerente. Os trabalhos no sentido de uma semiótica aplicada à ciência



da informação ou semiótica documental surgiram na década de 1980. Contudo, em que pese a influência conceitual de Peirce em muitos trabalhos (HJORLAND, 2003; RABER; BUDD, 2003; ABREU; MONTEIRO, 2010; MOURA, 2006, 2007, 2011; LARA, 1993, 1999, 2003, 2006; FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011; THELLEFSEN, 2002, 2003, 2004; MAI, 1997a, 1997b, 2000, 2001), não foi oferecida uma proposta disciplinar que congregasse semiótica e ciência da informação, tal como a semiótica documental.

Consideramos que as ideias de maior destaque nessa direção foram as de Izquierdo Arroyo, quem cunhou a expressão “semiótica documental”, utilizada desde final dos anos 1980. A formalização da semiótica documental apareceu pela primeira vez no projeto docente de Izquierdo Arroyo – documento a ser apresentado em concurso público seguindo o disposto no Real Decreto n. 1427 de 1986 - redigido para admissão como professor da *Universidad de Murcia*. Em entrevista concedida em 2014, Izquierdo Arroyo esclareceu que quando estava escrevendo os “Esquemas de Lingüística Documental”, entre os anos de 1989 e 1990, deparou-se com o enfoque agregador da Semiótica: “Pero el hilo conductor de mi propuesta era ya la Semiótica peirceana. Para la elaboración del trabajo Sobre la transducción, había reunido en Burgos bastante material de Semiótica y Semiología.” (IZQUIERDO ALONSO; IZQUIERDO ARROYO, 2014, p. 111).

Izquierdo Arroyo (1990, p. 46) é tributário a García Gutiérrez pois este último lançou a questão da linguística documental, contudo, o primeiro, propõe a abertura da acepção empregada à disciplina, resultado da reflexão e questionamento do rótulo até então utilizado. Depreendemos dos argumentos de Izquierdo Arroyo que: 1) os documentos, de longe, não se limitam mais ao escrito-textual, dada a abundância e a variedade dos códigos e suportes documentais; 2) a questão semântica e pragmática mobiliza outros conhecimentos que não os tradicionalmente utilizados pela ciência da informação de recorte linguístico; 3) a existência de uma multiplicidade de códigos e de processos de tradução inter e entre códigos na ciência da informação. Portanto, já estamos há algum tempo em um campo semiótico por excelência. Nesse sentido, não seria mais que adequado redefinir a disciplina linguística documental, e projetar uma disciplina mais robusta e coerente com as novas descobertas científicas e desenvolvimentos em ciência da informação?



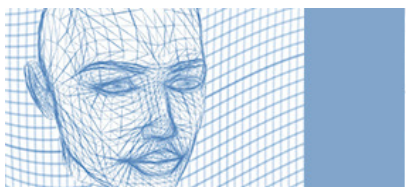
Segundo Izquierdo Arroyo (1993, p. 200), a semiótica documental é o marco acolhedor das denominadas ciências do texto em sua aplicação ao tratamento documental. Por texto, Izquierdo Arroyo (1993, p. 201) definiu a representação física do discurso, escrito ou oral, e por ciências do texto compreende pelo menos a linguística textual e as ciências cognitivas.

A semiótica documental demonstra que os problemas da linguística documental deveriam ser bem outros, mais condicionados à realidade da informação e aos códigos utilizados. Os problemas elencados pela linguística documental, acreditamos, já surgiram defasados no tempo e parece que Izquierdo Arroyo foi o primeiro a notar esse fenômeno. Com a análise das ideias de Izquierdo Arroyo podemos começar a responder a precisa constatação de Lara (2014): “No Brasil, o acesso aos textos de Izquierdo Arroyo é bastante incompleto, e essa é uma das razões pela qual sua produção é pouco conhecida.”

Assim, a semiótica documental se configuraria como um campo híbrido e polifônico que recebe contribuições filosóficas e científicas destinadas a responder aos problemas teóricos e aplicados do tratamento de documentos em linguagem verbal e não verbal. Sem uma postura semiótica abrangente não poderemos incluir o percurso da representação da informação em estudos como os de Agustín Lacruz (2006, 2015), Manini (2001, 2004) e Pato (2014). A representação documental – de forma e de conteúdo, se é que esta divisão é ainda na atualidade necessária - anseia por uma construção disciplinar a abarcar as diferentes vozes, métodos e teorias necessários para sua explicação.

Notas

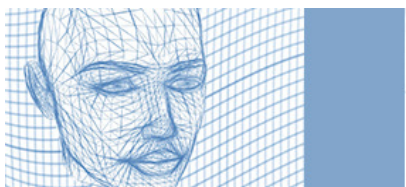
[1] As teorias semióticas contemplam as principais abordagens sobre os signos, a semiose (ação dos signos) e a significação no contexto humano e não humano. Desse modo, teríamos propostas teóricas não antropocêntricas, em que a semiose seria estudada de maneira a abarcar o mundo natural, como, segundo Noth (2005, p. 201) o comportamento sótico de animais na zoosemiótica e dos processos microbiológicos na biossemiótica. Nas aproximações antropocêntricas, o objeto de análise é a semiose no contexto humano e cultural. Entre as diversas teorias semióticas estão as relacionadas a Charles Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure



(1857-1913), Louis Hjelmslev (1899-1965), Roman Jakobson (1896-1982), Roland Barthes (1915-1980), Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Charles William Morris (1901-1979), Yuri Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016), entre outros comentaristas contemporâneos.

[2] Embora seja uma desinência muito utilizada no universo brasileiro da organização da informação, preferimos adotar para os conceitos associados a palavra “documental”. Segundo Guimarães, Nascimento e Moraes (2005, p. 135), isto se deve ao fato de os adjetivos que procedem dos substantivos terminados em -nto (exemplos: comportamento, monumento etc.), são formados em português, com o uso do sufixo -al (comportamental, monumental etc.). O que ocorre com o termo “documentária” é um exemplo de galicismo.

[3] O curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas indica em seu projeto pedagógico a existência da disciplina eletiva “Semiótica da Informação” (4 créditos, 60 horas), cuja ementa versa sobre “Conceitos de semiótica. Os sistemas verbais e não verbais. A natureza complexa dos signos. Representação, linguagem e informação. Semiótica aplicada à Ciência da Informação.” (http://www.ufal.edu.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus-maceio/ppc-biblioteconomia.pdf/at_download/file). O curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande, oferece a disciplina optativa “Semiótica e Ciência da Informação” (3 créditos, 45 horas), e entre os temas tratado consta “Semiótica e ciência da informação Objeto e campo da semiótica. Semiótica e semiologia. Teoria dos signos. Pesquisa semiótica. Semiótica aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação.” (http://www.furg.br/bin/cursos/tela_ql_visual.php?cd_curso=180#). No curso de biblioteconomia da Universidade Estadual Paulista é oferecida a disciplina optativa “Semiótica e Ciência da Informação” (2 créditos, 30 horas), que versa sobre “O campo de estudos da Semiótica. Os sistemas de signos verbais e não verbais. A natureza complexa dos signos. Abordagem semiótica da representação e da linguagem. Elementos de Semiótica aplicados à Ciência da Informação.” (<http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/Biblioteconomia/propostaprojetopoliticoopedagogicobiblioteconomia---19-04-2012final.pdf>). Devemos acrescentar ainda que



outras disciplinas de carácter geral, tal como “Teoria da comunicação”, têm apresentado conteúdos de semiótica.

[4] Descendendo de uma tradição triádica, parece claro a relação entre coisa, nome e conceito. Blikstein (1999, p. 24) nos lembra que as abordagens triádicas do signo estavam presentes em outras tradições: verbum, dicibile e res (em Santo Agostinho), vox, conceptus e res (para os Es-coláticos), nom, idée e chose (para o lógicos de Port Royal).

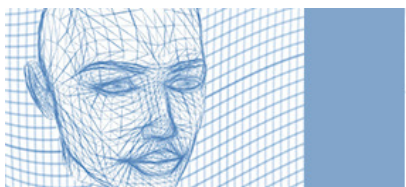
[5] A apresentação da forma silogística da abdução foi cunhada no texto “Dedução, indução e hipótese”, mas não representa o total da concepção peirceana. A forma silogística pode auxiliar na compreensão das ações mentais executadas explicitamente pelas inferências, mas não explica por completo a importância fundamental da abdução. Aplicado ao problema da indexação poder-se-ia expor as seguintes formas de argumentos meramente ilustrativas: Hipótese: Regra: Todos os documentos que tratam de rochas são de geologia./Resultado: Estes documentos são de geologia./ Caso: Estes documentos tratam de rochas. Dedução: Regra: Todos os documentos que tratam de rochas são de geologia./Caso: Estes documentos tratam de ro-chas./Resultado: Estes documentos são de geologia. Indução: Caso: Estes documentos tratam de rochas./Resultado: Estes documentos são de geologia./Regra: Todos os documentos que tratam de rochas são de geologia. No caso da abdução, a regra e o caso são possibilidades, por isso, é o tipo de raciocínio mais frágil em relação à indução e à dedução.

Referências

ABREU, J. G.; MONTEIRO, S. D. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 2, p. 9-26, maio/ago. 2010.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Análisis documental de contenido del retrato pictórico**: propuesta epistemológica y metodológica aplicada a la obra de Francisco de Goya. Cartagena: Ayuntamiento, Concejería De Cultura, 2006.

AGUSTÍN LACRUZ, M. C. Lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 55-88, Fev., 2015. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p55/28639>>. Acesso em: 27/01/2015.



ALMEIDA, C. C. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da Semiótica e do Pragmatismo. Marília, 2009. 416 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2009.

ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. L. S.; REIS, D. M. Peircean semiotics and subject indexing: contributions of speculative grammar and pure logic. **Knowledge Organization**, v. 40, p. 225-241, 2013.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

CASTRO, C. A. Histórico e evolução curricular na área de biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. Cap. 2, p. 25-48.

CHAUMIER, J. **As técnicas documentais**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

CUNHA, I. M. R. F. (coord.). **Análise documentária**. São Paulo: FEBAB, 1989b.

CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: SMIT, J. W. (coord.). **Análise documentária**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989a. Cap. 3, p.39-62.

FRIEDMAN, A. ; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of Documentation**, v. 67, n.4, p.644-674, 2011.

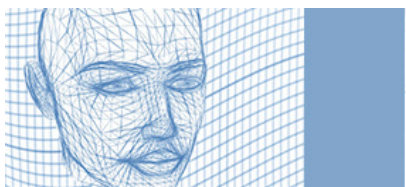
FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <http://dgz.org.br/ago04/F_lart.htm>. Acesso em? 25 dez. 2005.

GARDIN, J. C. Éléments d'un modele pour la description de lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v. 11, n. 5, p. 171-182, 1966.

GARDIN, J. C. Vers une épistémologie pratique en sciences humaines. In: GARDIN, J. C. et. al. **La logique du plausible**. Paris: La Maison des Sciences de l'Homme, 1987. p. 27-102.

GUIMARÃES, J. A. C. **A dimensão teórica do tratamento temático da informação (TTI) no universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO)**. Marília: [s. n.], 2006. 36 f. [Projeto de Produtividade em Pesquisa – CNPq, de março de 2007 a fevereiro de 2010].

GUIMARAES, J. A. C.; DANUELLO, J. C.; MENEZES, P. J. Formação para atuação profissional em organização de conteúdos informacionais: análise das bases teórico-pedagógicas dos cursos de Biblioteconomia do Mercosul. In: VALENTIN, M. L. P.



(Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 167-187.

GUIMARÃES, J. A. C. ; NASCIMENTO, L. M. B.; MORAES, J. B. E. A diplomática como perspectiva metodológica para o tratamento de conteúdo de documentos técnicos. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.) **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. Cap. 7, p.135-160.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

IZQUIERDO ALONSO, M.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. Entrevista a José María Izquierdo Arroyo, realizada por Mónica Izquierdo Alonso em Alcalá de Henares (Madrid), junio de 2014. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p.109-116, ene. /jun. 2014.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo I,II e III.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. Cuatro trabajos en curso. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 15, p. 35-65, 1992.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. De la semiótica del discurso a la semiótica documental. In: MORENO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias del texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III, 1993. p. 199-216.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

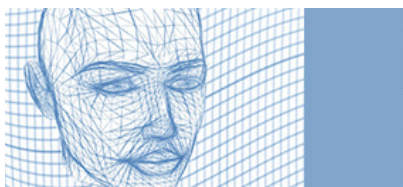
LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993.

LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.

LARA, M. L. G. Conceitos lingüísticos fundamentais para a organização e disseminação de informações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

LARA, M. L. G. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 18-29, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

LARA, M. L. G. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. 1999. 207 f. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo.



LARA, M. L. G. Sobre “Cuatro trabajos en curso” de José María Izquierdo Arroyo. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p. 91-98, ene./jun. 2014.

MACHADO, I. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, London, v. 57, n. 5, p. 591-522, sep. 2001

MAI, J-E. The concept of subject: on problems in indexing. In: McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval**: 6th International Study Conference on Classification Research. The Hague: FID, 1997b. p. 60-67. (FID, n. 716).

MAI, J-E. **The subject indexing process**: an investigation of problems in knowledge representation. 2000. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Faculty of Graduate School of Library and Information Science. The University of Texas at Austin.

MAI, J-E. The concept of subject in a semiotic light. In: SCHWARTS, C.; RORVIG, M. (ed.). **Digital collections**: implications for users, funders, developers and maintainers. Medford, NJ: Information Today, 1997a. p. 54-64. (Proceedings of the ASIS Annual Meeting; 34).

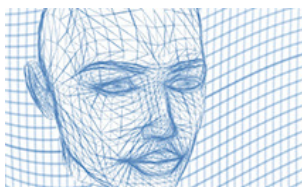
MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico**: Revista da Associação Brasileira de Arquivologia, Brasília, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004.

MANINI, M. P. Análise documentária de imagens. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/313/236>>. Acesso em: 22 set. 2007.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-17, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. **Informação e Informação**, Londrina, v. 16, n. Esp., p. 165-179, jan./jun. 2011.

MOURA, M. A. Signi-fica ou signi-vai? as teorias da significação no campo da Ciência da Informação. In: REIS, A. S. ; CABRAL, A. M. (org.) **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 61-80.



MUELLER, S. M. P. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.

NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

PATO, P. R. G. Ícone, índice e símbolo, fundamentos para ler e organizar a informação em imagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XV., 2014, Belo Horizonte, MG. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. p. 488-508.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RABER, D.; BUDD, J. M. Information as sign: semiotics and information science. **Journal of Documentation**, London, v. 59, n.5, p. 507-522, 2003.

THELLEFSEN, T. L. Pragmaticism and the role of terminology. **Impact**: an electronic journal on formalisation in text, media and language, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.impact.hum.auc.dk>>. Acesso em: 05 maio 2007.

THELLEFSEN, T. L. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, v. 142, n. 1 / 4, p. 71-90, 2002.

THELLEFSEN, T. L. Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 507-514, winter 2004.